

O que importa é ser feliz?

Frederico de Mello Brandão Tavares

Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade cumpre um duplo e interessante movimento. Num primeiro eixo, realiza uma ação acadêmica diferente. Reunindo quatorze textos de autores de diversas áreas do conhecimento, a coletânea registra editorialmente uma série de discussões levantadas durante um Seminário Internacional – de mesmo nome do livro – realizado no Rio de Janeiro em agosto deste ano. No entanto, mais que isso, coloca a Comunicação Social como lugar de origem para a reflexão de um tema que perpassa vários campos do saber e que já habita, há muito, narrativas cotidianas das mais variadas: a felicidade. Nesse sentido, vale dizer, não se trata de um livro comunicacional, mas de uma obra que, na contramão do que comumente faz “nossa ciência” – leia-se ir até os outros campos do conhecimento –, traz os outros campos até nós.

Fomentado por um projeto de pesquisa em desenvolvimento pelo organizador (professor do PPG em Comunicação Social da UFRJ), *Ser feliz hoje* tem o propósito de pensar sobre o *imperativo da felicidade* que se espalha na sociedade contemporânea. Com isso, não advoga para o nosso campo o perentimento da reflexão sobre o assunto, mas aponta para o quanto, atualmente, as pesquisas em nossa área encontram-se em diálogo e situam-se entre aquelas que olham de maneira complexa para os fenômenos sociais.

Assim, num segundo eixo, mais geral, a obra propõe um atravessamento disciplinar e orienta-se, como aponta Freire Filho na Introdução, sob duas perspectivas. “A proposta do livro não é promover um esforço concentrado para desvelar, enfim, a *verdadeira felicidade*, presumivelmente ofuscada por prescrições e relatos oriundos do campo psi ou

**Ser feliz hoje:
reflexões sobre o
imperativo da
felicidade**

João Freire Filho
(Org.)

Rio de Janeiro:
FGV, 2010. 296 p.



da arena midiática” (p. 22). Ou seja, “não se trata de buscar reconstituir o que o referente *felicidade* poderia ser em sua forma ou estado fundamental” (p. 22). O que se pretende, diz o professor, é “examinar os impactos na configuração da subjetividade e da sociedade gerados por investimentos maciços em versões específicas da vida feliz, em detrimento de outros itinerários propostos no passado ou aventados, sem grande ressonância, na atualidade” (p. 22). Com esse intuito, um foco de “desconfiança” parece atuar como fio invisível, costurando os textos e trabalhando a favor de uma rica tessitura de fontes bibliográficas e empíricas.

Uma visada pelas referências comuns trazidas pelos autores indica: uma “sintonia filosófica”, com o resgate, por exemplo, do pensamento crítico de Kant, da dialética de Adorno e Horkheimer e das reflexões de Foucault sobre a sexualidade, o poder e o conhecimento, além de contribuições que passam por Descartes, Heidegger, Nietzsche, Wittgenstein e outros nomes de peso; um

compartilhamento com os fundamentos da psicanálise, com grande menção aos escritos de Freud; um “olhar social”, com referência a sociólogos e antropólogos, como Geertz, Simmel, Schütz e Weber; além de outras contribuições mais contemporâneas, que perpassam estes campos e que, principalmente, refletem sobre a sociedade e suas “atuais condições” (Bauman, Giddens, Harvey, Lash, Lyotard, Sennett); bem como alusões ao contexto literário e seu “fôlego” – já antigo – no tratamento do tema da existência e da felicidade humanas (Clarice Lispector, Fernando Pessoa, Fiódor Dostoievski, Machado de Assis, Mário de Andrade, Victor Hugo).

Na trama reflexiva que se forma do cruzamento desses saberes, questões concretas aparecem problematizadas e se oferecem como objetos de análise que entrelaçam os conceitos e teorias trabalhados.

Os meios de comunicação e sua profusão histórica de mensagens sobre o *ser feliz*, formatando e legitimando modelos de comportamento e bem-estar, bem como a literatura de autoajuda e um sem número de manuais terapêuticos são talvez os principais representantes dessa empiria que serve de horizonte analítico para os textos de Christian Ferrer, Paula Sibilia, Vera França e Denise Bernuzzi de Sant’Anna. Nestes artigos, a mídia, seus “personagens” e o culto à beleza e à boa-forma na “sociedade do espetáculo” são questionados de forma reveladora.

Somam-se a essas reflexões, visadas sobre as políticas públicas voltadas para o incremento e realização da satisfação individual e coletiva; as diversas terapias alternativas e as “novas psicologias” – pretensamente científicas; e a atuação marcante da indústria farmacêutica voltada para as patologias da mente (depressão, síndrome do pânico, transtornos compulsivos), para as doenças crônicas (colesterol, diabetes e outras), para as doenças sexualmente transmissíveis e, em outra vertente, para a “indústria da beleza” (cosméticos, cirurgias plásticas). É o caso dos textos de João Freire Filho, Sam Binkley, Toby Miller e Benilton Bezerra Jr., que refletem sobre

a fragmentada e “suspeitável” presença da ciência e do poder na formalização da gestão da felicidade no mundo contemporâneo.

Complementando tal viés, Joel Birman, Paulo Vaz, Luiz Fernando Dias Duarte e Gilberto Velho abordam a variação paradigmática, temporal e cultural existente nos modelos subjetivos e sociais de felicidade. Bianca Freire-Medeiros e Luiz Eduardo Soares contextualizam um olhar sobre a felicidade a partir de duas experiências específicas, respectivamente: a visão do turista estrangeiro sobre as favelas do Rio de Janeiro e a “proposta” de felicidade, na década de 1970, do grupo teatral carioca “Asdrúbal Trouxe o Trombone”.

Tais grupos de artigos estão compostos por escritos de professores da Comunicação Social, da Psiquiatria e Psicanálise, das Ciências Sociais e Humanas. Em todos eles, encontram-se ótimos e diferentes tipos de “estado da arte” sobre o conceito de felicidade, oferecendo bases autorais e construções teóricas elaboradas para a discussão sobre a temática. Tal “fundamentação partilhada” possibilita o tom de dúvida que marca os textos, sustentando uma consistente problematização sobre os mecanismos e estratégias atuais – às vezes pouco táteis e outras totalmente explícitas – de privatização da felicidade e da transformação de sua “durabilidade”.

Em suma, pode-se dizer que em *Ser feliz hoje*, a “obrigação moral” de ser e estar *sempre* feliz se vê, portanto, questionada. E mesmo que ao final da leitura não se alcance qual o “segredo” da felicidade (o que não era, como já dito, o objetivo da obra), a proposital transversalidade disciplinar do livro deixa, sem qualquer caráter manualista, uma “dica” investigativa e crítica: para se “alcançar” a felicidade (ou, em verdade, qualquer outra temática contemporânea), o importante é saber perguntar sobre ela.

(resenha recebida out.2010/aprovada nov.2010)

Frederico de Mello Brandão Tavares, doutorando em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Mestre e jornalista pela Universidade Federal de Minas Gerais.